

Matérias Nucleares e Alternativas: Que potencialidades? Dança e Esgrima da Teoria à Prática

Marlene Silva¹, Roberto Sardinha¹, Adérito Nóbrega², Ricardo Alves^{1,3}

¹CCCS-DEFD, Universidade da Madeira; ² Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva, Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos; ³ Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos

Resumo

Com este trabalho pretendemos demonstrar até que ponto o programa nacional de Educação Física influencia o processo de aprendizagem dos alunos, quais os critérios de seleção das matérias nucleares e alternativas a abordar durante o ano letivo. Pretendemos também demonstrar que apesar das resistências que os professores possuem em relação à abordagem das Atividades Rítmicas Expressivas, enquanto matéria nuclear e à esgrima, enquanto alternativa, é possível encontrar diversas formas de realizar a lecionação sem que o professor esteja diretamente envolvido.

Como agente principal do processo de ensino-aprendizagem, este deverá rentabilizar ao máximo todos os recursos disponíveis, sejam eles, materiais, temporais ou humanos.

Cabe ao pedagogo utilizar toda a informação pertinente disponível para combater as insuficiências nesta área e atuar de forma adequada nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Dança, Esgrima, Educação Física, Matérias Nucleares e Alternativas, PNEF

Introdução

Os programas curriculares podem ser encarados como um instrumento com o intuito de existir um reconhecimento maior da disciplina em questão. O Programa Nacional de Educação Física (PNEF), possui esse mesmo objetivo, fazer com que a disciplina careça de um maior reconhecimento, deixando de parte as tradicionais opiniões do exercício físico vigoroso, da questão da animação, assim como da exclusividade desportiva (Ministério da Educação, 2001).

A Educação Física, assim como está estipulado no PNEF, procura construir uma aprendizagem eclética, onde o aluno possui um desenvolvimento multilateral e harmonioso, não sendo necessário especificar os conhecimentos em diversos domínios, uma vez que estes são transversais a todos (Ministério da Educação, 2001).

Está expresso nas Finalidades do PNEF, que devemos certificar a aprendizagem de diversas atividades físicas (atividades físicas desportivas; atividades físicas expressivas; atividades de exploração da natureza; jogos tradicionais), sempre com uma visão de um desenvolvimento multilateral e harmonioso, que em consequência disto, estaremos também a trabalhar diversos valores morais e sociais, tais como a responsabilidade social, cooperação, solidariedade, ética, segurança, consciência cívica, entre outras.

A aplicabilidade dos programas está assegurada, uma vez que as modalidades nucleares são aquelas que quase todas as escolas têm incluído no seu plano curricular de EF. Fala-se da inclusão de matérias/modalidades no sentido de aumentar a dimensão pedagógica da Educação Física. Mas que tipo de trabalho tem sido feito nesse sentido?

Iremos falar de duas modalidades das quais ainda existem diversas resistências na sua aplicação. Uma delas está incorporada nas matérias nucleares e a outra, nas alternativas. São duas modalidades que apesar de serem totalmente diferentes, apresentam comportamentos complementares que seriam importantes na formação integral do aluno.

Apresentaremos as suas potencialidades e importância na formação do Homem, assim como diversas estratégias para a sua aplicação no contexto escolar.

Matéria Nuclear – O exemplo das Atividades Rítmicas Expressivas

A dança é tão antiga como a vida humana, visto que esta nasceu em tempos pré-históricos, quando o homem primitivo soube relacionar a linguagem gestual com o ritmo de sons. Nessa mesma época procurava-se imitar movimentos dos animais e ritmos da natureza (Batalha,1983).

A dança mais recente, obrigou os professores a um aperfeiçoamento específico, além de adquirir competências educacionais. Esta nova tendência teve princípios filosóficos de Rousseau, Marx e Darem, que *“enfocavam o movimento expressivo do homem como sendo capaz de possibilitar a incorporação de outros valores e atitudes e de permitir uma expressão global do seu corpo com toda as suas emoções”* (Cavasin, 2003, p.3).

Potencialidades da dança como elemento pedagógico

A dança é matéria nuclear no Plano Nacional da Educação Física, tendo como matérias alternativas as danças de salão e as danças tradicionais portuguesas (Vieira, 2007). Esta obrigatoriedade acontece porque há uma componente pedagógica muito forte.

De acordo com Ferreira (2009), a dança nas escolas pode proporcionar momentos de prazer, espontaneidade e criatividade, onde as dificuldades de cada aluno devem ser respeitadas. Uma outra vantagem da dança é que permite que se estabeleçam relações interativas com os alunos, dando-lhes também a oportunidade de conhecerem o próprio corpo (Verderi, 2000).

Como ferramenta pedagógica a dança permite a busca de diferentes formas de movimento, de pensamento, de sensibilidade e despertar a criatividade. Quando se utiliza música, trabalha-se o ritmo e, por consequente a dinâmica dos movimentos, a atenção e a concentração (Souza, 2012).

Batalha e Macara (2007) dizem que a escola tem de dar um salto qualitativo, devendo permitir que os alunos tenham contacto com experiências artísticas, emotivas e criativas. A dança é um processo de comunicação da pessoa, pois o dançarino pretende transmitir algo, havendo espaço para uma gestualidade própria. As autoras referem que o acesso a esta forma básica de conhecimento devia ser acessível a todos através de uma educação fundamental dos jovens, ou seja, não se deve colocar o ensino das artes num local de difícil acesso.

Resistências à Dança

Apesar das suas potencialidades e de ser matéria nuclear, ainda existem muitas resistências à abordagem da dança nas escolas, por parte de professores, alunos e pais.

Numa fase inicial os alunos aceitam bem esta matéria, mas os alunos mais velhos já a rejeitam (em especial os do sexo masculino). Silva *et al.* (2010) explicam que isto acontece pois no início da adolescência os jovens começam a ter complexos com o seu corpo e temem o contacto corporal com pessoas do sexo oposto. No entanto, se as crianças tivessem contacto com a dança desde tenra idade, este tipo de complexos tendiam a desaparecer. Os mesmos autores referem que ainda existe uma cultura muito masculina e além dos alunos, os seus pais também não gostam que os filhos participem nestas atividades.

Haas *et al.* (2011) refere que nas turmas onde a dança é abordada, os alunos ficam mais sensibilizados e deixam o preconceito para trás, pois gostam da atividade. Mais uma prova como os professores de Educação Física têm a responsabilidade de formar cidadãos menos preconceituosos e também a obrigação de romper com a ideia que o homem não pode dançar, chorar ou exprimir os seus sentimentos. Mas para isso o professor tem de ser o primeiro elemento a estar motivado para abordar esta matéria às suas turmas, transmitindo entusiasmo a fim de envolver os alunos para as aulas de dança.

Matéria Alternativa – O exemplo prático da Esgrima

Tal como em outras modalidades, não existem dados concretos acerca dos ancestrais desta modalidade. No entanto nos antepassados do homem, o uso dos mais diversos tipos de armas era muito frequente nas civilizações, mais precisamente para caçar e para combater. A esgrima, tal como conhecemos hoje em dia, surgiu em Espanha, mantendo-se neste território até o séc XVI, momento no qual “foi levada para a Itália e onde foi sujeita a algumas alterações” (Coelho, 2000 p.32) sendo, a partir daí, difundida pela Europa. Mais tarde surge uma nova arma chamada de florete e assim como a máscara.

Potencialidades dos Desportos de Combate

De acordo com a Taxonomia de Almada e colaboradores (2008) a esgrima enquadra-se na categoria dos desportos de combate, visto que existe um duelo entre os intervenientes. “É uma modalidade desportiva complexa, nos seus aspetos táticos, técnico e psicológico” (Cabral, 1992 p.20), a qual está “dividida em três tipos diferentes de armas, a saber: espada, florete e sabre” (CBE, 2010, citado por Paula, 2011).

Ferreira (2006) citado por Melo (2012) afirma que “a Educação Física deve proporcionar variadas formas de cultura e que as atividades relacionadas às lutas devem fazer parte das atividades esportivas ofertadas aos alunos. Deste modo a Educação Física deverá ser eclética e o mais abrangente possível com vista a contribuir para uma formação integral dos alunos, capacitando-os para “o exercício crítico, da cidadania e da melhoria da sua capacidade física” (Betti e Zuliani, 2002 citado por Melo, 2012). Na mesma linha de pensamento, Figueiredo (s.d) alerta que “promover as atividades físicas de forma reducionista é trair a conceção atual de Educação Física”.

Os desportos de combate têm vários objetivos a incidir sobre o praticante, como por exemplo este se informar de forma visual mas sobretudo de uma forma proprioceptiva, capacidade de se antecipar e de contra comunicar; agir e interagir, desequilibrar e reequilibrar; cadenciar as ações, interiorizar os princípios da mecânica/física (alavancas, força, ângulos, centro de gravidade...), agressividade dentro dos limites permitidos e respeitar o adversário bem como a sua integridade física.

Aquilo que se constata, no entanto, é que muitos professores raras vezes abordam este tipo de desporto nas suas aulas, “alegando a falta de espaço e de material”, colocando a “responsabilidade na escola”. Além disto um estudo conduzido por Ferreira (2009) citado por Melo (2012) conclui que a maioria dos professores carecem de formação nesta área, “precisam de treinamentos, cursos de capacitação para incluir a prática das lutas em suas aulas e que muitos possuem uma visão deturpada sobre as lutas, fazendo correlação da luta com agressividade, violência, atitude essa que é oposta à filosofia das lutas e da própria Educação Física” (p.435). Opinião contrária tem Figueiredo (s.d.) ao afirmar que os desportos de combate trazem grandes vantagens e riqueza às aulas de Educação Física, nomeadamente “o respeito pelo outro, controlo da violência física o seu enquadramento social, estimulação da auto-estima (autoconfiança pelo aumento da auto-segurança em situações de luta, respeito pelas regras de segurança estabelecidas e a integridade física do parceiro mesmo à custa da sua vantagem”. A tudo isto Almada *et al* (2008) destaca que este tipo

de desportos “privilegiam o conhecimento do eu no confronto com situações críticas (a noção de morte, mesmo que simbolizada, está sempre presente e no diálogo como outro)” (p.36).

Resistências à Esgrima

Esta modalidade requer uma quantidade relativa de material, o que pode dificultar a aplicação deste desporto nas aulas de Educação Física devido aos custos inerentes. Mas por outro lado na opinião de Morehouse (s.d.) não requer áreas específicas, pois pode ser aplicada nos mais variados espaços, quer sejam abertos ou fechados, nos quais se incluem cantinas, auditórios e até em salas de aula. Leonço (2010) afirma que se a adaptação for feita “de maneira criativa e adaptada, concerteza será uma experiência prazerosa” e permitirá que os alunos vivenciem esta atividade que tantos benefícios fornece.

Na opinião de Passos (2010) a esgrima muitas vezes é visto como um desporto de elite e muito dispendioso, contudo este autor sugere como alternativa a aplicação de “jogos de oposição” com um cariz mais lúdico e adaptando material reciclado, como por exemplo “garrafas e caixas de papelão, reduzindo os custos e permitindo uma maior inclusão”. Paula (2011) acrescenta que é possível utilizar jornais, bambu, bem como fita adesiva para delimitar o espaço de combate, sacos de lixo para improvisar os coletes e sugere também que poderá ser solicitado a colaboração de professores da escola ligados às artes no fabrico do material.

Referências Bibliográficas

- Batalha, A. (1983). As estruturas etnocoreográficas na educação. *Ludens*. 7 (4). Pp. 29 – 32
- Batalha, A. & Macara, A. (2007). A dança como forma de literacia artístico-expressiva. Conferencia Nacional Educação Artística. Porto: Casa da Música
- Cabral, J. (1992). Incidência dos Factores Energéticos na Performance da Esgrima. *Revista Treino Desportivo* nº 23/1992 Pp. 20 -24
- Cavasin, C. (2003). A dança na aprendizagem. Santa Catarina, ICPG. V. 3 Ago/dez 2003
- Coelho, A. (s/d). Uma Breve História Sobre a Esgrima. *Revista Desporto* nº 50/2000 Pp.32- 33
- Diamond, A (2011). Interventions Shown to Aid Executive Function Development in Children 4 to 12 Years Old. *Science* 333, 6045 (August): 959-964
- Engelbrechtsen, L. et al, 2010. Sports Injury and Illness During the Winter Olympic Games 2010. *British Journal of Sports Medicine* 44: 772-780
- Felsenberg, D. (1998). Bone Densitometry: Applications in Sports Medicine. *European Journal of Radiology*, 28: 150-154
- Fernandes, R., Rocha, A., Alcades, T. (2011). A dança como conteúdo da Educação Física escolar e os desafios da prática pedagógica. Buenos Aires: EFDeportes.com. Ano 15, nº 153
- Ferreira, S. (2009). Dança na escola: Um processo de criação. Dissertação de mestrado. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
- Haas, A., Carrasco, B., Bevilacqua, M., Gonçalves, A. & Ketzer, G. (2011). A percepção do bailarino de dança contemporânea sobre “ser bailarino”. *Revista Cena* número 9. Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Leão, M. (2010). Jogos de Oposição e Esgrima no Âmbito Escolar
- Lino, L. (2000). A Nobre Arte de Esgrima. *Revista do Diário, Funchal* 12 a 18 Novembro/2000 p. 5
- Melo, A. & Gomes, E. & Costa, M. & Romariz, S. (2012). As Lutas nas Aulas de Educação Física Escolar, nº 1, Pp. 432-442.
- Ministério da Educação. (2001). Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais
- Passos, B. (2010). Jogos de Oposição em Ambiente Escolar
- Paula, M. (2011). Esgrima Como Conteúdo na Educação Física Escolar. Londrina
- Silva, D., Júlio, M., Cruz, L., Cocate, P. & Castro, V. (2010). A dança no âmbito escolar. Buenos Aires: EFDeportes. Ano 15, nº 150.
- Souza, J. (2012). A dança como possibilidade de ação educativa libertadora. IX ANPED Sul, seminário de pesquisa em educação da região sul.
- Verderi, E. (2000). Dança na escola. Rio de Janeiro: Sprint.
- Vieira, F. (2007). As orientações educacionais nas (an)danças do currículo. In. M. Moura & E. Monteiro (Eds.): Dança em contextos educativos. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana. PP. 51 – 63